

## PREFÁCIO DE “AVENTURAS DE MALASARTE”

*Jorge de Lima*<sup>1</sup>

1 Tradução e adaptação de várias obras alemãs sobre o herói nacional Till Eulenspiegel feitas por Jorge de Lima em colaboração com seu irmão Matheos de Lima. Rio de Janeiro: A Noite, 1942; 2<sup>a</sup> ed., 1946.

O bobo e o poeta — inócuos, pois não? Engano completo: Ambos grandíssimos fatores revolucionários da Idade Média e pelos tempos afora até o Romantismo, até o Eterno Feminino de Goethe, até hoje, até sempre. Contra a suposta superioridade do macho na Idade Média, o poeta louva a mulher e é incontestavelmente o primeiro protesto antiguerreiro do mundo em favor do amor, a primeira revolta contra o estúpido “pater-famílias” daqueles tempos.

A poesia ainda é força fraca que se levanta para purificar o ambiente onde a ferocidade do homem instala a tirania e a opressão; ainda é um meio do homem ultrapassar os seus limites e de os dilatar com as perspectivas de um universo maior, ainda é uma força neutralizante contra o espírito de retórica e de desilusões sobrevindas ao fracasso das humanas reformas sociais. A poesia ainda desaponta por completo o senhor burguês. A poesia ainda fala hoje a verdade da mesma forma que os bobos do feudalismo eram os únicos seres a quem se permitia trazer a realidade em frente aos senhores prepotentes.

O barão, apesar de toda a sua valentia e apesar de dispor de tantos bens, não possuía o olhar às vezes glorificador das mulheres; esse olhar, o poeta, sem armas e apenas com a sua divina insânia, possuía. Deste modo, o senhor feudal precisava na intimidade de seus castelos, de outro comensal sobre quem avultasse e servisse de cotejo no concurso cotidiano de excelências. E assim enquanto o bobo cometia gafes sobre gafes, o barão ostentava perante as damas o seu brilho já um pouco ofuscado pelo poeta. O barão sorria então complacentemente, fazia, do bobo, seu predileto; defendia-o contra o ódio do resto da família arrepiada com as suas pilhérias quase sempre irreverentes e duras. O cargo de bobo foi desta sorte ficando lucrativo, pois com o seu prestígio, junto ao barão, arranjava boas coisas para a sua família, perambulava nas salas dos banquetes e podia até ingressar nos aposentos das senhoras, o que não acontecia com o poeta, vigiado pelo ciúme do barão. Assim, o emprego de bobo, tornando-se disputado, já não era o idiota da aldeia que o desempenhava, como no começo, mas sujeitos atilados, que se faziam de meio malucos, para gozar das melhores regalias dentro dos castelos. A sinecura sendo tão ótima, houve um tempo em que o poeta, atraído pela poesia, virou bobo também, e se meteu a fazer jocosidades junto dos poderosos para cavar vantagens. Ainda

vemos, no Brasil, Gregório de Matos usar esse processo e ser bem sucedido, até o dia em que as suas sátiras não atingiam os próprios protetores; então era despedido. Mas logo adiante outro senhor de engenho o acolhia, e o capadócio engraçado ia vivendo na sua dupla função de bobo e de poeta. Os poetas contemporâneos são porém mais práticos junto do poder: transformaram-se em adutores e estão dispostos a renunciar à poesia todas as vezes que o burguês, inimigo dela, assim achar conveniente. Porém nos bons tempos feudais, o bobo representava, na verdade, a censura no castelo. O barão reconhecia que esses formidáveis contadores de verdade eram necessários. Primeiro a verdade foi dita em forma de delação. Ao regressar das aventuras demoradas por terra estranha, o bobo contava as faltas cometidas pela família durante a ausência do senhor. Depois o bobo ficou censor e em qualquer lugar podia mangar livremente de todas as coisas mangáveis da época. Era uma espécie de espelho, em que a sociedade podia refletir o seu ridículo para corrigir-se. No momento da piada, ninguém ligava: o homem era bobo. Mas o censurado, de certo, iria evitar a amolação do censor, e se apresentava no dia seguinte sem o vestuário destoante, sem o ad mane irrisório da véspera. O único que podia mesmo usar os trajes mais extravagantes, fazer os gestos mais mirabolantes, dizer as coisas mais indiscretas e verdadeiras, era justamente o bobo. O resto do castelo vivia num constrangimento enorme. Dizem que as damas de certo castelão deram de usar, dependuradas dos quadris, penas de pavão, ornando as saias; então o bobo começou a usar nos seus calções as ditas penas e as senhoras inovadoras desistiram. O bobo com o seu punhal de madeira, sua gola de rendas, era a criatura mais multicolorida das cortes: Junto do amarelo, que era a cor dos bobos, predominava a púrpura dos reis e o raro amaranto, disputado pelas moças elegantes. Quando o prestígio do bobo cresceu desmesuradamente e ele já tomava partido como observador dos adven-tos que presenciava, a nobreza começava a ouvi-lo: Era a única criatura franca e verdadeira na intimidade das cortes. Era a única pessoa que não podia galgar posições, não podia competir com os nobres, não combatia, não conquistava, e sobretudo não traía a confiança e não se constituía em perigo à paz amorosa do barão, como o poeta.

A revolução do bobo e do poeta continua; e ainda hoje se olham os poetas como bobos. Também os bobos são olhados como poetas.

O prestígio do bobo e do poeta foi tão grande que S. Francisco de Assis encarna o poeta das *Fioretti* e o “*jongleur de Dieu*” Reabilitação da mulher e prestígio do bobo!

Vejamos que tudo tinha sido porém iniciativa do Cristianismo, pois o culto da Virgem era uma reabilitação da mulher e o cristão sempre fora o bobo preferido para as feras dos circos romanos.

\* \* \*

A Idade Média permanece tão viva, que até os seus bobos iletrados, tanto quanto seus cavaleiros andantes, e mesmo os mais anônimos rocinantes, como as cavalgadas prediletas de Eulenspiegel, atravessaram vários cemitérios da história da humanidade, e acompanham quais seres familiares os passos inseguros do homem de hoje.

A nacionalidade de Till Eulenspiegel é disputada atualmente por vários povos, mas se D. Quixote, por exemplo, é racialmente espanhol, até à raiz dos cabelos, ou melhor, é a própria Espanha de todos os tempos, sangrenta, apaixonada, idealista, santa e eterna, Till Eulenspiegel não pertence a nenhum país, raça ou nação, mas a uma época do mundo, e pertence tanto à Idade Média quanto os santos à Igreja Católica, que é de todos.

Se o cavaleiro andante de Cervantes, mais feliz, encontrou um gênio que o fez viver e o descreveu, observando-se a si próprio; o bobo Eulenspiegel é um produto da massa, elaboração dela a quem estendeu gratuitamente suas revoltas contra toda a sorte de potentados, sua fome, seus dramas contingentes de todos os dias, combatendo sem armas, lutando com todos os gigantes, mas rindo de seus tiranos e vaiando seus algozes como os bobos podem fazer.

D. Quixote é outra coisa: muito sizudo, muito cerebral, muito lido e guerreiro demais.

Eulenspiegel é semelhante a um D. Quixote com o estômago de Sancho Pança: As suas maiores revoltas nasceram no estômago, aliás como as da massa.

Diante da guerra, os dois apresentam reações diversas. Embora D. Quixote ache que “a paz é o verdadeiro fim da guerra” e não ame a guerra feita pela máquina, sem glória e contra a sua elegância e seus ardores de cavaleiro, a verdade é que ele é um guerreiro por vocação e por destino, dando mesmo a idéia de um esqueleto vestido de armadura.

Eulenspiegel veste porém os ossos com a carne sensível da plebe, e algumas vezes que o puseram na mesnada ou na torre, para combater ou anunciar o inimigo, ele escangalhou de tal forma a seriedade da guerra que ninguém quis contar com ele para semelhantes empreitadas.

A visão de ambos é diferente também, pois a do bobo é mais realista que a

do fiel escudeiro de Quixote. Às portas da hospedaria, até Sancho enxergou lá dentro, como seu amo, príncipes e gentes de bem e de honra, mas Eulenspiegel mesmo distante de qualquer albergue, sente a léguas de distância, o cheiro do bife, e em vez de urdir planos de batalha para defender o frege, arquiteta planos de ataque para devorar o assado.

Sem se querer armar paralelos, vê-se que as armas de um são a lança e a espada a serviço do espírito; e a do outro a irreverência e a sabedoria a serviço do estômago, da economia, da justiça, da melhor distribuição. Ambos, porém possuem o culto da liberdade, o nomadismo pelos longos caminhos da terra (que para Quixote é como a Lua), a agitação diante das paisagens do tempo. Ambos são ideólogos a seu modo: Quixote desprezando o dinheiro, como um utopista dos tempos de São Tomas Morus; mas Eulenspiegel, atordoado deste somido metálico, que tanto preocupou depois Leon Bloy.

Cervantes mesmo sem vintém está diante da vida como um *hidalgo*, enquanto Malasarte Eulenspiegel, com a bolsa recheada pelas traficâncias, é o são plebeu preocupado com as safadezas que a vida lhe vai armar, ao fim de cada peregrinação.

Entretanto, enquanto Quixote, nascido diretamente do cérebro de Cervantes, parece que se nos apresenta com certidão de batismo de alguma paróquia longínqua da Espanha, Eulenspiegel documentado com a pedra de uma sepultura, entre as faias centenárias de Mölln, não se nos afigura flamengo ou alemão, ou de qualquer outro povo que o reivindique para si. Mas um ser vivo de todos os (folquelores), tão vivo, tão humano, tão nosso, como o nosso Malasarte. A sua curiosíssima história, que começa mesmo do princípio, quando o bebê nem era bobo, nem sabido, mas um simples anjo na terra, diz que ele fora no mesmo dia batizado três vezes, como se verá páginas adiante. Nada mais natural que os tradutores, ao tentarem uma tradução diretamente de várias obras alemãs, que se ocupam de tão curiosa personagem, e ao se ocuparem da decorrente adaptação à língua nacional, batizem-no com o nome de seu padroeiro brasileiro — nosso velho conhecido Malasarte. Mais uma vez está batizado Eulenspiegel.

